



**15 ANOS DA TRUPE DA ALEGRIA: FORMAÇÃO CONTINUADA DE  
PROFESSORAS E PRÁTICAS TEATRAIS COM CRIANÇAS**

***15 YEARS OF TRUPE DA ALEGRIA: TEACHER TRAINING AND THEATER  
PRACTICES WITH CHILDREN***

***15 AÑOS DE TRUPE DA ALEGRIA: FORMACIÓN CONTINUA DE PROFESORES Y  
PRÁCTICAS DE TEATRO CON NIÑOS***

Diego de Medeiros Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto tematiza as relações entre a extensão universitária, formação continuada de professoras da Educação Infantil e ações que envolvam a expansão do acesso de crianças à linguagem teatral. Propõe-se uma reflexão sobre o percurso da Trupe da Alegria – grupo teatral formado por profissionais da Educação Infantil da cidade de Florianópolis (SC) – que, em 2025, completará 15 anos de atuação na formação de público infantil mediante a criação de espetáculos que refletem temáticas e procedimentos que se aproximam das realidades socioculturais das crianças. Trata-se, portanto, de um relato reflexivo da experiência do grupo que se configura como uma ação de extensão do Programa Núcleo de Arte e Infância no CEART (naice). A partir da trajetória da Trupe é possível discutir as políticas de formação continuada de professores(as), as especificidades das práticas teatrais voltadas à primeira infância, bem como o necessário envolvimento da universidade no fortalecimento das relações com a Educação Básica. Percebe-se que essa prática artística e formativa interfere, diretamente, nos processos pedagógicos desenvolvidos pelas docentes nas unidades educativas onde trabalham.

**Palavras-chave:** Formação continuada. Pedagogia do Teatro. Educação Infantil. Teatro para crianças. Extensão universitária.

**Abstract:** *This text discusses the relationships between university outreach, training of Early Childhood Education teachers and actions that involve expanding children's access to theatrical language. A reflection is proposed on the journey of Trupe da Alegria – a theater group formed by Early Childhood Education professionals from the city of Florianópolis (SC) – which, in 2025, will complete 15 years of experience in formation of children's audiences through the creation of plays that reflect themes and procedures that are close to the sociocultural realities of children. It is, therefore, a reflective report of the group's experience that is configured as an extension action of the Program Núcleo de Arte e Infância no CEART (naice). Based on the group's trajectory, it is possible to discuss continuing teacher training policies, the specificities of theatrical practices aimed at early childhood, as well as the*

---

<sup>1</sup> Doutor em Teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor da UDESC; Coordenador do Programa de Extensão Núcleo de Arte e Infância no CEART (NAICE). Diretor e produtor da Trupe da Alegria; Artista da Cena, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6655-0211> E-mail: [diego.pereira@udesc.br](mailto:diego.pereira@udesc.br)

*necessary involvement of the university in strengthening relations with Basic Education. It is clear that this artistic and training practice directly interferes with the pedagogical processes developed by teachers in the educational units where they work.*

**Keywords:** *Teacher training. Theater Pedagogy. Early Childhood Education. Theater for children. University outreach.*

**Resumen:** *Este texto analiza las relaciones entre la extensión universitaria, la formación continua del profesorado de Educación Infantil y las acciones que implican ampliar el acceso de los niños al lenguaje teatral. Se propone una reflexión sobre el recorrido de Trupe da Alegria – grupo de teatro formado por profesionales de la Educación Infantil de la ciudad de Florianópolis (SC) – que, en 2025, completará 15 años de experiencia en la formación de públicos infantiles a través de la creación de espectáculos que reflejen temas y procedimientos cercanos a las realidades socioculturales de los niños. Se trata, por tanto, de un relato reflexivo de la experiencia del grupo que se configura como una acción de extensión del Programa Núcleo de Arte e Infância no CEART (naice). A partir de la trayectoria de la Compañía, es posible discutir políticas de formación continua docente, las especificidades de las prácticas teatrales dirigidas a la primera infancia, así como el necesario involucramiento de la universidad en el fortalecimiento de las relaciones con la Educación Básica. Es claro que esta práctica artística y formativa interfiere directamente con los procesos pedagógicos que desarrollan los docentes en las unidades educativas donde se desempeñan.*

**Palabras clave:** *Formación continua. Pedagogía Teatral. Educación Infantil. Teatro para niños. Extensión universitaria.*

## **Introdução**

Imagine um grupo de teatro que cria espetáculos para crianças e que seja formado, exclusivamente, por profissionais da Educação Infantil, ou seja, por pessoas que dedicam sua vida profissional ao contato cotidiano com as crianças, lidando com seus desejos, curiosidades, medos, processos de desenvolvimento e reprodução interpretativa do mundo (Corsaro, 2011). Essa é uma boa síntese da Trupe da Alegria – grupo teatral composto por profissionais da rede pública de Educação Infantil da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina (SC), cuja atuação será objeto de discussão neste texto.

Mediante um relato reflexivo da experiência de formação continuada promovida pelo coordenador do projeto – e autor deste texto – ao longo de 14 anos junto a esse grupo, pretende-se refletir acerca das relações entre Extensão Universitária e Educação Básica, com enfoque para as possibilidades de investigação da linguagem teatral com e para crianças – seja em



processos artístico-pedagógicos desenvolvidos pelas docentes do grupo, seja na criação teatral voltada ao público infantil.

Parte-se, portanto, de uma discussão sobre as políticas públicas de formação continuada de docentes da Educação Básica, adentrando em uma proposta específica voltada à linguagem teatral a partir da experiência formativa da Trupe da Alegria que se configura como uma ação de extensão universitária. Busca-se enfatizar os modos como o grupo tem desenvolvido trabalhos teatrais voltados ao público infantil mediante temáticas e procedimentos de criação e apresentação que se aproximem das realidades socioculturais das crianças.

Por fim, lança-se um olhar às práticas teatrais direcionadas às crianças, à necessária revisão dos modelos tradicionais e possibilidades de ampliações estéticas e temáticas, além de acentuar o necessário envolvimento da universidade com a escola, com o intuito de defender o fortalecimento de pautas e saberes técnico-científicos que têm sido usurpados pelo senso comum. No caso do teatro, grupos conservadores, em muitas medidas, têm coibido a circulação de espetáculos com temáticas importantes no processo formativo, sobretudo às que digam respeito às questões de gênero e sexualidade.

O trabalho da Trupe da Alegria é um convite para que as práticas pedagógico-teatrais desenvolvidas para e com crianças possam, cada vez mais, tornarem-se coerentes com os tempos-espacos infantis e com as lógicas das crianças, assim como para inspirar práticas formativas docentes que busquem sensibilizar e potencializar os corpos e os imaginários das professoras que trabalham no dia a dia com elas.

### **Por uma Formação Continuada de Professoras**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394-96) (Brasil, 1996) define, em seu Art. 62, parágrafo único, a garantia de formação continuada aos(às) docentes que atuam na Educação Básica (Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio) e, no Art. 63, inciso III, responsabiliza os institutos superiores de educação pela manutenção de “[...] programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis” (Brasil, 1996). Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) aponta que qualquer mudança na organização educacional do país exige uma responsabilização conjunta da União,



Estados, Distrito Federal e Municípios na formação inicial e continuada dos(as) professores(as) da Educação Básica.

No que toca à Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC-Formação (Brasil, 2019), é definido, em seu Art. 6º, inciso VIII:

[...] a formação continuada que deve ser entendida como componente essencial para a profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da instituição educativa e considerar os diferentes saberes e a experiência docente, bem como o projeto pedagógico da instituição de Educação Básica na qual atua o docente [...] (Brasil, 2019).

Ainda que nos possa parecer “duro” iniciar um texto apontando dispositivos legais, utilizo-os como forma de demarcar, por um lado, o direito dos(as) docentes da Educação Básica de serem contemplados(as) com propostas de formação continuada nas quais possam ampliar e compartilhar seus repertórios, seus saberes e experiências – espaços em que possam refletir sobre as constantes demandas advindas de sua prática docente e das instituições educacionais – e, por outro, sinalizar a responsabilidade das universidades, sobretudo públicas, de contribuírem com esses processos formativos que, acredito eu, retroalimentam as pesquisas científicas e nos fazem avançar como uma sociedade comprometida com a educação.

Nesse processo formativo, o contexto no qual os(as) docentes atuam é de fundamental importância para uma proposta formativa, ou seja, tratar-se da formação continuada a partir da configuração de um território específico e não da constituição hipotética de “uma” escola “universal”. Assim sendo, parece importante observar o que apontam Bach e Matias:

Mais do que simplesmente alcançar métodos e técnicas [...] na formação continuada, considere-se o olhar para o contexto de atuação docente e para os objetivos que, no âmbito da instituição, se quer alcançar. Em suma, a formação continuada deve ter vistas às concepções que embasam todo o trabalho docente: a de escola, a de ensino e aprendizagem, a de avaliação, a de inclusão, entre tantas outras (Bach; Matias, 2021, p. 178).

Quando trago, portanto, a responsabilização das universidades em contribuírem com a formação continuada docente, não busco apontar que professores(as) universitários(as) possuem “fórmulas” – métodos e técnicas – para lidar com os problemas da Educação Básica,



mas busco defender um processo dialógico, de cooperação e de responsabilização conjunta pela melhoria das condições de ensino e aprendizagem nas escolas.

Desse modo, compreendermos os contextos de atuação, criarmos parcerias em projetos e ações, promovermos encontros de trocas entre docentes de uma mesma instituição e/ou entre instituições distintas, podem fazer emergir as reais necessidades de uma escola ou de uma rede; as demandas formativas daquelas docentes aliadas às pesquisas acadêmicas e às discussões emergentes sobre educação, podem garantir a constituição de uma coletividade. De acordo com os autores Bach e Matias:

Essa coletividade leva à construção de um caminho próprio dentro dos processos formativos da rede, em que a voz dos professores não só deve ser ouvida, mas principalmente considerada como o fio condutor da formação continuada. Nesse caminho não cabem receitas, mas sim a fusão das três dimensões das competências propostas pela Base Nacional da Formação Docente: o conhecimento, a prática e o engajamento, que entendemos ser possibilitada pela reflexão, que deve ser constante e fomentada a cada encontro entre docentes em formação, compreendendo que esses encontros, ao serem ofertados em serviço, seja qual for o formato, fazem parte (e uma parte importante) da atividade docente. (Bach; Matias, 2021, p. 179).

Dado esse preâmbulo, volto minhas memórias às atividades que desenvolvo, desde 2008, junto à formação continuada de professoras da Educação Infantil da rede pública de Ensino de Florianópolis (SC). Naquele ano, recém-formado em Licenciatura em Teatro, foi convidado para ministrar oficinas de “Expressão Corporal” e “Teatro de Formas Animadas” em um projeto desenvolvido pela Diretoria de Educação Infantil (DEI) desse município. As oficinas seriam desenvolvidas em um espaço cultural da cidade e não buscavam ensinar as professoras “como” trabalharem elementos do teatro com crianças; mas, sim, possibilitar-lhes uma experiência de encontro com a linguagem teatral que pudesse afetar seus corpos e subjetividades.

Esse modo de olhar para a formação continuada docente – como algo que atravesse os corpos, que envolva suas sensações, percepções, imaginários – fez total diferença na constituição da minha docência como “formador” de professores(as), desde então. Mesmo quando sou convidado para uma formação que deva ser puramente teórica, busco estratégias de engajamento dos corpos, das subjetividades, das memórias das professoras. E, nesse sentido,



percebo contemplar as dimensões apontadas por Bach e Matias (2021) – o conhecimento, a prática e o engajamento, mediadas pela reflexão.

Impulsionado por essas experiências iniciais como formador, pela demanda das profissionais de terem mais contato com o Teatro e por meu desejo de ofertar uma formação continuada que pudesse ocorrer, semanalmente, durante um período prolongado, que propus, em 2009, um projeto de pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

O projeto tinha como objetivo propiciar às profissionais da Educação Infantil, que participassem do laboratório cênico, uma vivência teatral, buscando perceber o potencial de elementos da *Commedia dell'arte* – uma forma teatral que eu estudava na época – para a ampliação do repertório expressivo de tais professoras, assim como, propiciar uma reflexão sobre os modos de se fazer teatro para e com as crianças.

Esse laboratório cênico deu origem, em 2010, à Trupe da Alegria – um grupo de teatro formado por profissionais da Educação Infantil de Florianópolis (SC) que, desde então, tem se dedicado à criação e apresentação de espetáculos voltados ao público infantil, além de se configurar como um projeto de formação continuada de professoras para a experimentação e discussões de conceitos e práticas relativas à linguagem teatral com e para crianças. A Trupe, portanto, será o objeto da próxima seção deste texto.

### **A Trupe da Alegria**

No ano de 2025, a Trupe da Alegria completará 15 anos de existência. Um percurso marcado por uma forte relação entre Teatro e Educação Infantil; entre um professor de Teatro e as mais de 60 profissionais que passaram por esse grupo ao longo desses anos. A mobilização inicial da pesquisa, que gerou o grupo, era possibilitar às professoras que experimentassem, em seus corpos, o potencial do teatro para criar, para agrupar pessoas, para contar histórias, para olhar o mundo por outras lentes, buscando alterar os modos estereotipados e restritos que, muitas vezes, são articulados os projetos pedagógicos que envolvem o Teatro para e/ou com crianças. Como aponte em minha tese:



[...] a *Trupe de Alegria* deixou de ser o nome de um grupo que estava apresentando a conclusão de uma oficina de formação à linguagem teatral e passou a nomear um grupo de teatro formado por profissionais da Educação Infantil. Percebíamos que o que unia o grupo não era a questão de serem profissionais vinculados à prefeitura; o que passou a unir o grupo foi o fazer teatral. Gerou-se um compromisso com a educação e com a ampliação do contato das crianças com o universo do teatro, seja através da possibilidade de assistirem a um espetáculo criado especialmente para elas ou por meio das propostas com a linguagem teatral que esses profissionais passaram a realizar com suas crianças, no cotidiano das creches, por conta de sua experiência com o teatro. (Pereira, 2015, p. 72).

O grupo assumiu diferentes formatos ao longo dos anos: em alguns momentos estudos de materiais teóricos sobre Teatro e/ou para os processos de criação de espetáculos; em outros, oficinas práticas, passando por períodos focados nas apresentações dos espetáculos. Alguns objetivos, entretanto, permaneceram: oferecer uma formação continuada na linguagem teatral para as profissionais do grupo, criar espetáculos voltados ao público infantil que levassem em conta as temáticas e experiências das profissionais no dia a dia com as crianças e apresentar os espetáculos criados nas unidades públicas de Educação Infantil de Florianópolis (SC).

As parcerias com a Diretoria de Educação Infantil (DEI) e com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foram fundamentais para a existência do grupo. Entre os anos de 2015 e 2018, a Trupe foi acolhida como ação de extensão do Programa *Pedagogia do Teatro e Processos de Criação* – coordenador pelo professor Vicente Concilio. Entre 2019 e 2021, compôs o Programa a *Teatro e Infâncias*, coordenador por mim, e, a partir de 2022, em parceria com a professora de Música, Sandra Mara da Cunha, criamos o *Núcleo de Arte e Infância no CEART (NAICE)*, que contempla ações de formação continuada de docentes da Educação Básica nas linguagens do Música e do Teatro e a Trupe, então, passou a compor esse Programa.

A formação continuada na Trupe leva em conta os princípios apontados no primeiro tópico deste texto: a configuração de uma coletividade engajada na construção de conhecimentos vinculados à prática teatral, pautados por uma reflexão constante sobre o que é experimentado, estudado e criado. As práticas teatrais com e para crianças são nosso “Norte”: por um lado, investigamos procedimentos de criação e apresentação de espetáculos que respeitem as especificidades das infâncias, seus tempos e espaços; por outro, a elaboramos



práticas pedagógico-teatrais coerentes com os modos como as crianças vivem e se expressam no mundo.

Nesse percurso, foram criados e apresentados os seguintes espetáculos:

*Uma Creche Divertida e Colorida* (2010) – inspiradas nos “personagens-tipo” da *Commedia dell’arte*, criamos um espetáculo que retratava diferentes crianças em uma sala de aula. As cenas surgiram de situações improvisadas pelas professoras a partir de suas experiências docentes. A temática da diversidade emergiu nesse espetáculo e perpassou todos os trabalhos do grupo, desde então. Tratava-se de um espetáculo com uso de máscaras, com canto, dança, trabalho corporal intenso que, na época, chamou bastante atenção por seu apuro técnico, algo que, em geral, não se espera de um espetáculo criado por professoras e para crianças.

*Brasil de Todas as Cores* (2011 e 2012) – naqueles anos decidimos investigar “tipologias” brasileiras, buscando apresentar histórias, canções, danças, vestimentas típicas, festas, objetos de diferentes regiões do Brasil para as crianças. A construção do espetáculo se deu a partir do estudo do *Teatro de Revista* – um gênero de teatro musical, cômico e crítico, bastante popular entre o final do século XIX até meados do século XX no Brasil. A temática do espetáculo gerou diferentes projetos na rede municipal de ensino, tanto por parte das professoras que participavam do grupo e levavam esses materiais para os seus planejamentos, quanto das unidades que recebiam o espetáculo e se inspiravam nele para criarem projetos sobre diferentes manifestações culturais brasileiras com as crianças.

*Navegando às Terras Distantes* (2013 e 2014) – com aspirações semelhantes ao espetáculo anterior, neste nós buscamos elementos culturais dos cinco continentes. Colocamos, como desafio, explorar temáticas consideradas, por muitos adultos, tabus para a primeira infância como morte, guerra, entidades afro-brasileiras, além de provocações sobre o uso excessivo de tecnologia e a destruição do planeta Terra. Fugimos, também, da relação frontal com as crianças, fazendo-as emergir em 05 diferentes “salas ambientes” ao longo do espetáculo. A partir do estudo de estratégias do Drama – abordagem para o ensino e experimentação do Teatro – apropriamo-nos de algumas delas para o espetáculo: ambientação cênica (salas temáticas), ambientação sonora (trilha relacionada ao continente), estímulos materiais (envio de cartas-convite para o espetáculo, uso de instrumentos/objetos de diferentes culturas),



improvisações coletivas (as crianças se deslocavam em “barcos” de tecido e “faziam de conta” que estavam no mar), experimentação de papéis (crianças como navegadoras), entre outras.

*Circo Normaloides* (2015 e 2016) – a ideia era montar um circo, mas como não tínhamos muitas habilidades circenses, utilizamos esse mote para friccionarmos noções de “normalidade”. Como os “circos dos horrores” exibiam o que consideravam, na época, como anomalias, nós tínhamos, em cena: um leão que miava, palhaços que não queriam ser coloridos, um menino rosa e uma menina azul, uma figura que era homem e mulher, um arco-íris de guarda-chuvas, um maestro-pinguim que se comunicava em Língua Brasileira de Sinais (Libras), um número musical que exaltava a existência de diferentes famílias para além do modelo tradicional. No nosso circo podíamos ser tudo que quiséssemos ou, pelo menos, brincar de ser.

*A Fantástica Exposição de Zeca* (2017 a 2019) – nesse espetáculo o foco estava na literatura; em ampliar os referenciais literários das professoras e das crianças mediante a apresentação de personagens de diferentes histórias. Conjugamos, então, personagens clássicos como: Branca de Neve, Lobo Mau, Rainha de Copas, Pinóquio, com personagens de histórias indígena, indiana, africana, maori, japonesa, florianopolitana. Os personagens saíam de dentro dos livros do Vô Zeca – um colecionador de histórias – e apresentavam o universo que envolvia a literatura da qual partiram. Alguns personagens desse espetáculo continuam atuando com contações de histórias na rede de ensino da cidade, como o Vô Zeca, o Lobo Mau e a benzedeira Filomena.

Durante a Pandemia da Covid-19 (2020 e 2021) nós realizamos encontros virtuais. Em um primeiro momento, promovemos uma oficina de palhaçaria e, outra, de escrita de projetos de pesquisa. Em um segundo momento, iniciamos o processo de levantamento e estudo de materiais para a criação do nosso atual espetáculo.

*Uma Ajuda de Outro Planeta* (a partir de 2022) – desta vez nossa temática foi a galáxia e os planetas. Neste espetáculo trabalhamos com 06 núcleos, cada um voltado para uma faixa etária dos 0 aos 6 anos. A proposta foi criar um espetáculo que levasse, ainda mais, em conta, cada momento da vida das crianças. Pela primeira vez, por exemplo, temos uma cena específica para os bebês (0 a 1 ano). Estudamos materialidades, sonoridades, narrativas, danças e músicas que pudessem estabelecer uma relação de intimidade com as crianças. As cenas acontecem nas salas das crianças, todas ao mesmo tempo e, depois de 20 minutos, todos os grupos se deslocam



para o centro da unidade, onde ocorre uma cena final envolvendo todas as crianças de diferentes idades. Na história, o planeta Terra está em guerra e uma menina (Carol) envia uma mensagem pedindo ajuda. Essa mensagem chega a outros planetas: Neluar, Metróide, Bonançoso, Cróquetes, Quadrântico e Geledés e seus habitantes se unem às crianças para acordar os habitantes da Terra que haviam dormido devido a uma grande fumaça resultante da guerra.

Pelas descrições dos espetáculos entendo que é possível perceber que há um envolvimento coletivo do grupo na busca por ampliar as possibilidades de investigação da linguagem teatral para crianças, tanto no que diz respeito à dimensão temática quanto estética. Transitamos por diferentes propostas cênicas – frontal, semi-arena, ambientes imersivos, salas de aula e arena, lidando com os limites e desafios de levar o teatro para as unidades de Educação Infantil da cidade, pois acreditamos no compromisso de um curso de Licenciatura em Teatro na formação do público infantil.

Além disso, focamos, sempre, na presença da diversidade – de diferentes crianças, brasilidades, culturas globais, questões de gênero, sexualidade, étnico-raciais, acessibilidade, meio ambiente, tecnologias, temas tabus. Enfim, temos trabalhado na defesa de diferentes existências, compreendendo que a formação das crianças para a diversidade é necessária para a transformação social que almejamos. Isso não significa fazer um teatro didático para crianças, pelo contrário, trata-se de convocá-las a uma experiência teatral que as provoque a pensar, a sentir e a expressar mundos possíveis.

Na análise de Alves sobre o trabalho da Trupe, ela aponta:

O que acho interessante no trabalho da Trupe é, justamente, essa troca de saberes entre as profissionais da rede municipal de Florianópolis, levando o teatro sem ser pedagogizante para as escolas, porém sempre mantendo essa relação com a educação, já que o grupo é formado por profissionais da área. Outro fato que me chama a atenção é o grupo buscar diferentes formas de criação cênica se permitindo trilhar outros caminhos (Alves, 2023, p. 37).

Como apontado pela autora, a dimensão pedagógica existe, mas os trabalhos não são articulados para responder a um teatro “para ensinar algo” ou que traga uma “moral da história” – elementos fortemente vinculados a perspectivas didatizantes e adultocentradas nas relações entre o teatro e as diferentes infâncias, com as quais não nos identificamos. Investimos em um teatro que acolhe as crianças, que gera relações de intimidade, que busca a horizontalidade das



relações, que convoca as crianças ao encontro e às trocas de experiências. Esses e outros elementos serão destacados no último tópico deste texto no qual buscaremos refletir acerca do teatro que temos investigado e defendido para a primeira infância.

## **Teatro para e com Crianças**

A experiência com a Trupe da Alegria compreende outras esferas da ação universitária, ou seja, contribui para o fortalecimento dos vínculos entre extensão, pesquisa e ensino. Nesses anos de atuação temos investigado tanto os processos criativos para crianças quanto práticas pedagógico-teatrais com crianças. Essas pesquisas reverberam nas abordagens de ensino que praticamos, seja no âmbito da graduação em Teatro, quanto da pós-graduação em Artes Cênicas e formação continuada de docentes da Educação Básica.

Um exemplo concreto é a tese de doutorado, defendida em 2015, intitulada *Drama na Educação Infantil: experimentos teatrais com crianças de 02 e 06 anos*. Neste trabalho, investiguei, junto às profissionais da Trupe, a abordagem do Drama como a que, dentro do território das Pedagogias do Teatro, melhor se aproxima das especificidades da Educação Infantil. Foram desenvolvidos 9 processos de Drama em unidades da Educação Infantil da rede pública de ensino de Florianópolis, a partir dos quais foi possível verificar o potencial dessa abordagem na geração de propostas de ensino-experimentação da linguagem teatral com crianças, desvincilhadas da noção de produto cênico, mas focadas na apropriação de elementos da linguagem teatral. Assim:

Por ser uma referência metodológica que parte do contexto dos participantes, o Drama se apresenta como uma possibilidade de trabalho que estabelece um diálogo constante com a realidade e, nesse sentido, com o contexto artístico e educacional contemporâneo não isolando a arte produzida fora dos muros da escola, podendo dialogar com as transformações artísticas, políticas, sociais, culturais e histórias. Por se apropriar das falas, desejos e curiosidades dos sujeitos ele se coloca como uma referência atual e em constante renovação que consegue se utilizar das brincadeiras de faz de conta infantis transpondo-as a um fazer teatral paulatinamente tornado consciente pela criança. (Pereira, 2015, p. 291).



Essas descobertas, no âmbito da pesquisa, realizada junto a Trupe da Alegria (ação de extensão) tem reverberações nos modos como temos discutido e defendido as possibilidades de uma iniciação teatral com crianças que seja coerente com os tempos e espaços das infâncias. Outras pesquisas e práticas pedagógico-teatrais se originaram dessa experiência, tanto no âmbito dos estágios supervisionados em Teatro quanto em propostas desenvolvidas por profissionais da Trupe na rede municipal ou, ainda, de experiências advindas da formação continuada de outras docentes – nas quais temos a oportunidade de difundir a abordagem do Drama.

Na esteira das descobertas sobre o ensino do Teatro, ao longo dos anos, também acumulamos discussões acerca do Teatro feito para crianças, ou seja, da cena produzida por grupos profissionais ou amadores para o público infantil. Um exemplo desses desdobramentos pode ser visto na dissertação intitulada *Investigações Acerca do Protagonismo Infantil nas Produções do Eranos Círculo de Arte*, de Sandra Regina Coelho (2023).

Nesse trabalho, a autora busca contextualizar as práticas de artistas e coletivos que têm se dedicado às produções teatrais específicas para a primeira infância no Brasil, articulados com o que ficou conhecido como *Movimento do Teatro para Bebês e Primeira Infância*. A autora reconhece algumas características comuns aos trabalhos desenvolvidos por esses grupos:

[...] investigações/laboratórios com crianças em creches, a fim de ter contato com esse público, seja no sentido de observação, experimentações cênicas, diálogos e/ou apresentação das obras teatrais para dialogar com as crianças; obras com número de pessoas, na plateia, reduzido; proximidade com a plateia e recepção cuidadosa de crianças e adultos. [...] abandonar noções ultrapassadas do teatro para as infâncias, característicos de produções que ainda partem de noções estereotipadas sobre elas, como cenários excessivamente coloridos, personagens adultos vestidos de crianças fazendo uso de vocabulário pueril, narrativas simplificadas, linearidade nos textos, mensagens educativas ou com conteúdos morais, personagens com características dicotômicas bem X mal, ações desenfreadas dos atores e/ou bonecos de animação, adaptações de contos de fadas descontextualizados e apresentados de maneira simplificada, focados na moralidade e personagens dicotômicos, que desconsideram a pluralidade e nuances dos contos originais. (Coelho, 2023, p. 43).

Nesta passagem, Coelho (2023) aponta tanto procedimentos que têm sido adotados pelos grupos, quanto práticas tradicionais que têm sido evitadas. A busca se dá por uma relação mais horizontal com as crianças durante a experiência cênica, compreendendo que essa relação



não deva se estabelecer puramente a partir da “assimilação” racional de uma narrativa, mas de um deslocamento da vida real, proporcionando a criação de metáforas, a provocação de sensações, questionamentos e reflexões.

A cena que defendemos, portanto, é porosa, composta de proposições abertas nas quais as crianças possam completar os significados mediante seus repertórios socioculturais; cenas com apreço estético, com envolvimento poético, em que as crianças possam se sentir próximas, provocadas e não recebendo uma “lição”.

É interessante pensar como na cena adulta as práticas teatrais contemporâneas têm buscado tensionar limites – entre real e ficcional, por exemplo –, desconstruir convenções de tempo, espaço, personagem, narrativa, relação público x plateia, entre outros, mas que esses mesmos tensionamentos, em muitas propostas para a primeira infância, ainda são tímidos ou inexistentes. Há uma necessidade adulta em ensinar as crianças por meio do teatro, em lhes entregar representações fechadas, em fazer com que “compreendam” uma proposta cênica: “será que elas vão entender?” “Será que elas têm capacidade de entender?” Perguntas que, em geral, não são feitas quando se trata do público adulto: “não é para entender, é para sentir!”.

Nesses anos de trabalho junto à Trupe da Alegria, temos desconstruído esses entendimentos tradicionais de Teatro para Crianças, buscando enfatizar a potência da experiência poética do encontro entre adultos e crianças, rompendo os traços didáticos, fortemente arraigados à cena para crianças, assim como as relações hierarquizadas entre adultos e crianças.

As discussões propostas pela área da Sociologia da Infância têm proporcionado uma base teórica interessante para dialogarmos na busca por práticas artísticas e pedagógicas mais horizontais com as crianças. Os eventos e escritos que deram origem a essa área, datam dos anos 1980, a partir do contexto europeu, tendo chegado ao Brasil no final dos anos 1990 (Nascimento, 2013). Dentre as principais defesas da área estão:

[...] i) a infância como construção social; ii) a criança como ator social e produtora de cultura; iii) as categorias “infância” e “criança” consideradas em sua cidadania epistemológica ou com autonomia conceitual; e iv) a etnografia indicada como um método particularmente útil para pesquisas que visam se aproximar do “mundo das crianças” (Evangelista; Marchi, 2022, p. 3).



Temos nos alinhado a essa corrente teórica para melhor compreendermos as crianças a partir de seus marcadores sociais – classe social, gênero, raça, religião, geração, deficiência, entre outros – e a interseccionalidade desses, identificando os contextos em que diferentes crianças vivem diferentes práticas sociais que configuram suas infâncias. Por esse viés, é impossível pensar em “a criança” ou em “uma” forma de infância.

Nesse sentido, como o Teatro pode responder a essa compreensão sociológica? De que modo considerarmos as crianças como sujeitas ativas em seus processos de construção de culturas? É possível lhes garantir o direito à participação em processos artísticos e pedagógicos que desejam se aproximar de seus territórios? De quais maneiras a cena pode convocar os corpos e imaginários infantis ou invés de lhes propor dispositivos pensados a partir da lógica e dos modos de expressão adultos?

Essas e outras provocações têm nos levado a perceber, cada vez mais, que as crianças desempenham um papel ativo em seus processos de reprodução interpretativa do mundo. Segundo Corsaro:

As crianças se apropriam criativamente das informações do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares. [...] o processo de reprodução interpretativa permite que crianças tornem-se parte da cultura adulta – contribuam para sua reprodução e extensão – por meio de suas negociações com adultos e da produção criativa de uma série de culturas de pares com outros crianças. (Corsaro, 2011, p. 53).

Por fim, gostaria de aproveitar as palavras de Corsaro (2011), para lançar um breve olhar às práticas de censura que têm sido aplicadas a espetáculos para crianças, principalmente as que tratam de temáticas relacionadas à gênero e sexualidades. Nos últimos anos, na esteira de movimentos sociais conservadores que buscam invisibilizar, entre outras pautas, a existência de famílias homoafetivas, de crianças trans, de crianças em dissidência com as normas sociais, as produções teatrais que buscam, de forma poética, reconhecer e valorizar esses grupos minoritários, têm sido perseguidas e impossibilitadas de apresentarem seus trabalhos em muitas cidades, escolas e teatros.

Se as crianças reelaboram o mundo a partir de suas experiências, é necessário que possamos lhes apresentar a diversidade de formas de existir e amar. Defendemos que as crianças, que pertencem a diferentes composições familiares, possam se ver representadas na



cena; que os conflitos existenciais e de pertencimento de crianças em dissidência, possam ser vistos e reconhecidos; que os sofrimentos e as descobertas desses corpos, na maioria das vezes marginalizados, possam habitar os imaginários infantis e gerar ações em prol da defesa e acolhimento das diversidades. Como aponta Fazzioni:

[...] em meio a um contexto de proibição de brincadeiras e expressões de dissidências na infância, o teatro pode possibilitar às crianças, um espaço livre e suspenso, longe das amarras sociais. Além disso, o desenvolvimento de práticas teatrais com as crianças, pode devolver, mesmo que momentaneamente, aquilo que tiram das nossas crianças em dissidência: a autoestima, a criatividade, a espontaneidade, a capacidade de jogar e fazer de conta, a possibilidade de criar personagens, papéis, maquiagens, figurinos e caracterizações; elementos e explorações que estão presentes tanto nas brincadeiras proibidas das crianças em dissidência como, também, na própria práxis da arte teatral e da abordagem do Drama. (Fazzioni, 2023, p. 186).

Nesse processo formativo – e de enfrentamento – para a sociedade que almejamos, entendo como fundamental que a universidade esteja engajada nas lutas sociais, na defesa dos conhecimentos técnico-científicos, na promoção do respeito e valorização das diversas formas de existência, no acolhimento das demandas educacionais. No âmbito que me compete, tenho apostado na formação de professores(as) para que estes(as) possam compreender a potência da Arte, nesta defesa, em específico, do Teatro, na criação de mundos possíveis junto às crianças; na esperança de que esses mundos transbordem do faz de conta para a realidade.

## **Considerações**

Neste texto, busquei defender a aproximação entre universidade e Educação Básica, mediante propostas de formação continuada de docentes – uma responsabilidade legal e social. Em um âmbito mais específico, apresentei e trouxe reflexões sobre o trabalho desenvolvido junto à Trupe da Alegria – grupo teatral formado por profissionais da Educação Infantil de Florianópolis (SC) e ação de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Os quase 15 anos de atuação junto ao grupo me levaram à compreensão do quanto a formação continuada qualifica as práticas docentes – na escola e na universidade – promovendo



deslocamentos, em ambos os espaços, no sentido de alterar os modos com os quais relacionamos o Teatro com as diferentes Infâncias.

Na esteira dessas experiências pedagógico-teatrais, pontuei discussões acerca das práticas teatrais desenvolvidas para crianças, buscando enfatizar a redução das distâncias geracionais, defendendo uma cena teatral que gere proximidade entre adultos e crianças, que consiga reconhecer as crianças em seus contextos sociais de vida na busca pela criação (ou ficcionalização) de mundos possíveis.

Por fim, ressalto o quanto as políticas de extensão universitária foram fundamentais para a manutenção do grupo nesses anos de existência; que parcerias como essa são importantes no processo formativo, tanto dos(as) profissionais da Educação Básica, quanto dos(as) licenciandos(as) em Teatro.

## Referências

ALVES, Isabeli do Carmo. **Teatro Contemporâneo para Crianças: voo duplo, um experimento**. 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

BACH, Carlos Batista; MATIAS, Joseane. Formação Continuada em Serviço: o papel da reflexão e da sua efetividade nas práticas do professor. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 3, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)**. Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

COELHO, Sandra Regina. **Investigações Acerca do Protagonismo Infantil nas Produções do Eranos Círculo de Arte**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.



EVANGELISTA, Nislândia Santos; MARCHI, Rita de Cássia. Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, 2022.

FAZZIONI, Mateus Junior. **Deixem as Crianças Brincar!:** o ensino do Teatro na visibilização e acolhimento das crianças em dissidência. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedrosa (org.). **Infância e sociologia da infância:** entre a invisibilidade e a voz. São Paulo: Feusp, 2013.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na Educação Infantil:** experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Recebido: 30.10.2024

Aceito: 02.12.2024

Publicado: 19.12.2024



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).